

Futuros desejáveis

O desenho do mundo depende dos nossos sonhos. Por isso o primeiro passo para construir a realidade que queremos está na transformação do modo de pensar. Eis aí o nosso grande desafio: cultivar sonhos do tamanho do que desejamos para o mundo dos nossos filhos, dos filhos dos nossos filhos e, quem sabe, do nosso próprio



Skipe, antena, fax, aviões controlados por rádio foram antecipadas pela ilustração de Frank R. Paul, em "The Future of Radio", em 1922

Lala Deheinzelin

Com muito entusiasmo início a conversa neste espaço da ARC DESIGN e começo com um pouco de teoria: explicando os três temas que nos nortearão: economia criativa + desenvolvimento sustentável + futuros desejáveis.

Para entender **porque** este trio de temas nos ajuda no "design de um mundo melhor", imagine que um historiador do futuro diria que o momento atual é talvez mais importante do que foi o Renascimento... Por quê?

Porque estamos entrando em uma era onde o intangível é o elemento central: isso fica claro quando se vê que o Google é o que hoje tem mais valor (e poder!), ou que 75% do valor de um produto está em seus intangíveis (como marca, design etc). Estamos na passagem de séculos (milênios?) em que a vida esteve organizada em torno de recursos materiais, tangíveis, para uma fase centrada nos recursos imateriais, intangíveis.

Recursos tangíveis, como terra, ouro ou petróleo, são finitos, inelásticos e, por isso, a economia baseada neles é definida pela gestão dos recursos escassos, e a competição define o modelo social e econômico. Já os recursos intangíveis, como cultura, conhecimento e criatividade, são infinitos, elásticos. Se dividimos uma maçã, temos metade cada um. Se dividimos um conhecimento, temos o triplo: o meu, o seu e o que resulta de nossa interação. Além do mais, os bits das novas tecnologias também são infinitos, assim como são infinitas as possibilidades oferecidas pelo trabalho em rede, pela produção colaborativa. Ou seja, neste século XXI falamos de uma nova economia, uma "economia da abundância", em que a cooperação é o modelo.

A economia criativa é a grande estratégia de desenvolvimento sustentável pois, dizendo de forma muito, muito sintética, é aquela que tem o intangível como matéria-prima. É como uma galinha de ovos de ouro, já que são recursos que não apenas não se esgotam, como se renovam e multiplicam com o uso! E que são muito abundantes (porém, ainda subutili-

zados...) na maioria dos países em desenvolvimento. Diferentemente dos setores econômicos tradicionais a economia criativa (que cresce mais que a média da economia, de acordo com a UNCTAD) vai além do impacto meramente econômico. Ela é tão estratégica para um desenvolvimento sustentável por ter impactos positivos nas outras dimensões: social, ambiental e cultural. O interessante é que podemos notar esse impacto positivo multidimensional em atividades de uma gama ampla, que vão de uma São Paulo Fashion Week a um Doutores da Alegria. O patrimônio intangível (por exemplo, a imensa diversidade cultural dos nossos mais de cinco mil municípios) pode ser convertido em qualidade de vida se soubermos mudar formas de pensar e agir para entrar de fato no século XXI.



O "avô" das cirurgias e diagnósticos remotos por vídeo, na ilustração na capa da revista Science and Invention de 1925

Primeiro desafio: fazer com que as lideranças dos setores público, privado, terceiro setor e empreendedores criativos tenham consciência desta mudança rumo à centralidade do intangível, os enormes potenciais que ela oferece e à mudança de mentalidade e políticas para aproveitá-los. Nota-se que a imensa maioria das empresas e instituições desconhece o fato de que a economia criativa tem a ver com sua atividade. Por exemplo: a chave para sobreviver num mundo globalizado (onde produtos e serviços tendem a homogeneizar-se) está em ser diverso e único, além de desejado e respeitado por seu público e parceiros. Hoje, o diferencial e o valor estão em atributos intangíveis: cultura da empresa, associação com a cultura local e seus elementos, reputação, atratividade, responsabilidade sócioambiental, design etc.

Segundo desafio: entrar no século XXI significa guiar-se pelo farol de milha (criar produtos e processos dirigidos para o futuro) e não apenas pelo espelho retrovisor (por exemplo, seguindo apenas as tendências e pesquisas

do presente). Senão, seguiremos fazendo canja com a fabulosa galinha... Aí entra nosso terceiro tema: futuros desejáveis.

Mudar modelos de pensar e agir é urgente, mas difícil, pois não temos o hábito nem as ferramentas para criar o futuro que desejamos. Pesquisando as imagens do passado do futuro (vejam ilustrações) encontramos muito do que caracteriza o presente: o desejo pelo "remoto" (telecomunicações, web, skype, medicina a distância, hometheater, naves guiadas). Ou o predomínio do carro e cidades em escala inumana. Fica claro que o futuro é fruto dos sonhos do passado e escolhas do presente.

Visões de futuro desejável sempre existiram, principalmente em momentos de crise e mudança, como agora... Mas as visões de futuro atuais, que estão presentes sobretudo nos games e ficção científica, são tenebrosas, belicosas, um horror! Será que é isso que queremos semear para o nosso futuro?

Como diz Peter Druker, "a melhor maneira de prever o

O futuro é fruto dos sonhos do passado e escolhas do presente: até a roupa vermelha imaginada em 1928 por Frank R. Paul em Capa Amazing Stories (1928) viria a se concretizar na demonstração do Jet Pack H202, em 2007



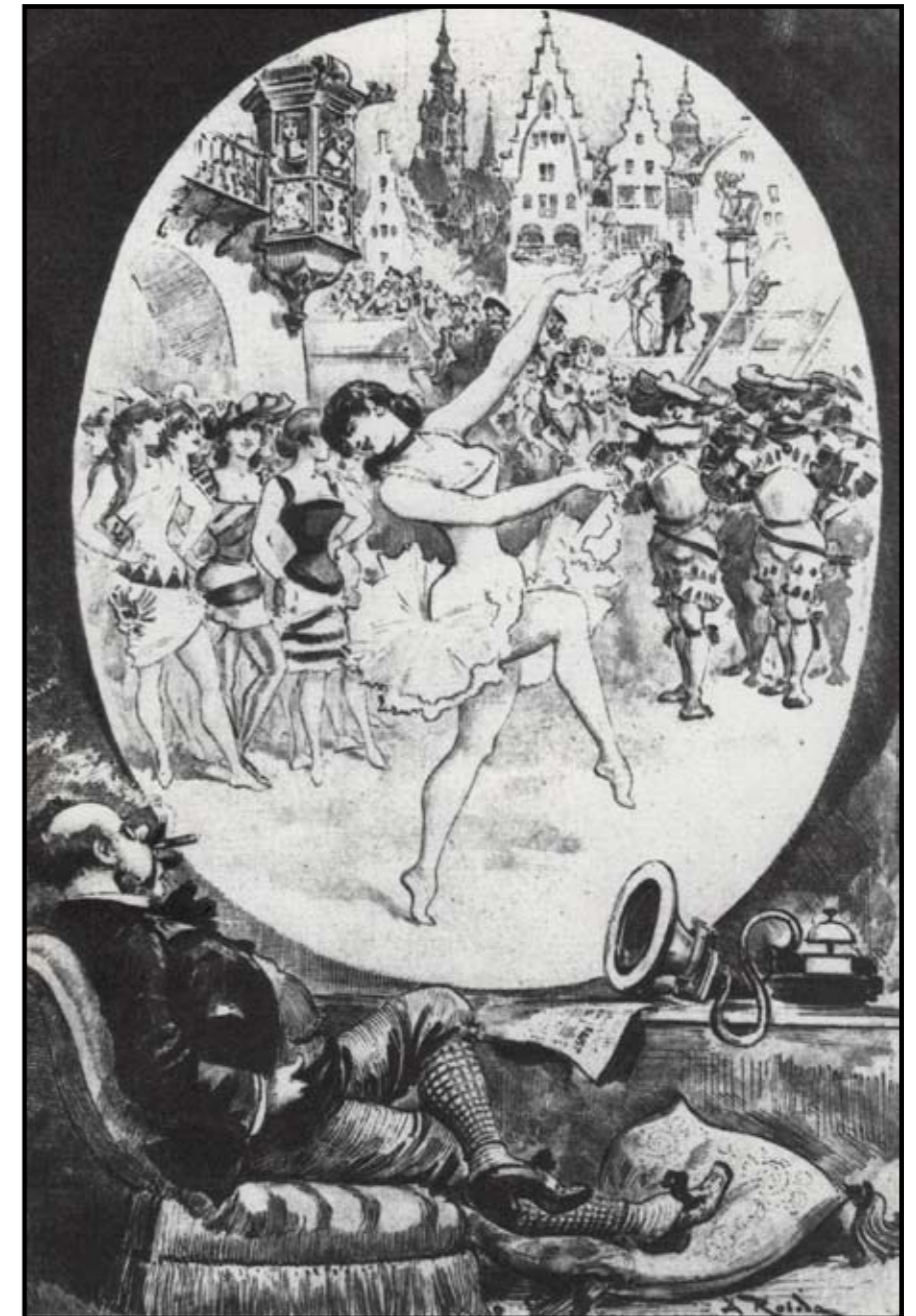
O francês Albert Robida anteviu o home-theater com seu "telephonoscopio", ideia de 1883 que ilustra o livro "The History of The Future Images of the 21st Century"

futuro é criá-lo". Por isso, para preparar terreno para o futuro que desejamos, foi estruturado o movimento internacional Crie Futuros (saiba mais em www.criefuturos.com.br) com sua Enciclopédia de Futuros Desejáveis www.wikifuturos.com que irão ilustrar essa seção.

Os futuros desejados criados apontam para questões essenciais: a reforma (urgente!) da educação; a questão da energia (nós com energia demais, ficando obesos, e a cidade precisando de energia renovável...); a reciclagem fazendo o triplo papel de gerar trabalho, cuidar do ambiente e distribuir cultura. O interessante é que muitos dos futuros desejáveis são realizáveis. Dois catadores de lixo já concretizaram o futuro sonhado e foram retratados no documentário "INGs – Indivíduos Não-Governamentais – Reciclando a Cultura do Lixo":

José Luiz Zagati e seu Mini Cine Tupy e Severino Manoel de Souza com sua biblioteca comunitária dos sem-teto do edifício Prestes Maia.

Juntando tudo: criar futuros nos ajuda a entrar de fato no século XXI e preparar terreno para que a economia criativa, essa galinha de ovos de ouro, possa cumprir seu papel estratégico como motor do desenvolvimento sustentável. Economia criativa, futuro desejável e sustentabilidade: três elementos para pensar o design do mundo! ❄



Lala Deheinzeln é assessora e palestrante internacional em Economia Criativa, Desenvolvimento Sustentável e Futuros. É CEO da Entusiasmo Cultural, assessora da South-South Cooperation Special Unit/DNU e do Instituto Nacional de Moda e Design. Fundou o Núcleo de Estudos de Futuro da PUC SP